

Trump, a palestra do Estado da DesUnião e outros delírios (4ta parte)

Image not found or type unknown

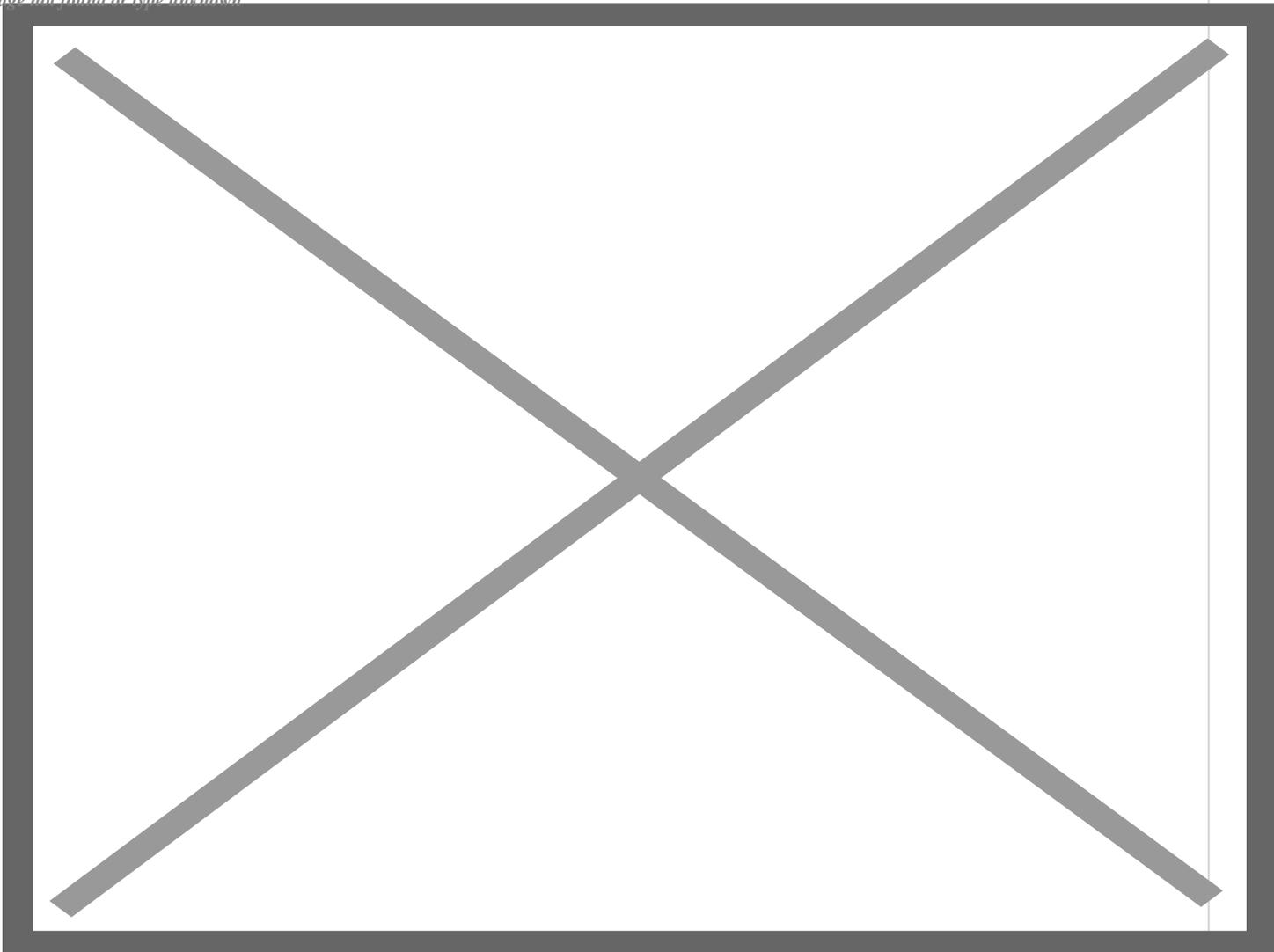


Foto: El Confidencial

Por: José R. Cabañas Rodríguez

De repente, como que perdido nas suas palavras, surge uma menção fugaz a uma nova tentativa de “redução de impostos”.

Estas falas raramente são analisadas à luz de dados suficientes. A imprensa e os comentaristas privados têm a urgência de poder oferecer uma manchete em poucas horas.

Mas, devemos lembrar a legislação proposta por Trump e aprovada a todo vapor em 2017, que já reduzia consideravelmente as obrigações dos mais ricos, concedia benefícios aos de menor rendimento no curto prazo, que foram revertidos no longo prazo.

É verdade que os Estados Unidos enfrentam um risco de competitividade económica, mais evidente no caso da China, também com outros terceiros.

Mas um dos problemas do olhar trumpista da questão é considerar que esta realidade só pode ser alterada investindo MAIS dinheiro, numa indústria ou noutra.

Pouco se falou no dia 4 de março sobre o avanço da ciência, da tecnologia ou da inovação, mas sim frases de desprezo sobre esses dimínios.

Na sua propensão para reescrever a história, Trump considerou que todos as malezas terrenas e divinas que assolam os Estados Unidos vieram do exterior: não existem cartéis americanos, não existem traficantes nacionais, todos os violadores têm sobrenomes hispânicos ou afrodescendentes.

É muito difícil exigir para ele se lembrar de que as terras por onde anda pertenciam a povos indígenas, cujos últimos descendentes vivem hoje nas chamadas “reservas indígenas”, com os piores índices de diabetes e desnutrição.

Sejamos objetivos, porque todas as referências não podem ser críticas. Trump estava certo ao descrever a tragédia sanitária americana e, conseqüentemente, o propósito de tornar o país “saudável novamente” seria válido.

É verdade que não há razão para explicar as elevadas taxas de cancro juvenil naquele país, nem outros indicadores.

É uma realidade que pode ser alterada, com recursos próprios, e até com o apoio de terceiros.

O novo secretário de Saúde, as academias nacionais de ciências e a Sociedade Americana para o Avanço da Ciência poderiam muito bem informá-lo quem seriam os principais parceiros no domínio da saúde na região, aqueles que durante o seu primeiro mandato ajudaram comunidades específicas na geografia americana, aqueles com quem mais de 30 câmaras municipais da união votaram uma resolução para estabelecer cooperação.

Na sua quinta palestra sobre o Estado da União, Trump usou todos os argumentos disponíveis para mostrar que foi escolhido pelo humano e pelo divino.

Não posso deixar de dizer: “Acredito que minha vida foi salva naquele dia em Butler por um bom motivo. Fui salvo por Deus para devolver a América à sua grandeza, estou convencido disso.”

Para muitos, a frase reabriu velhas dúvidas sobre uma história mal contada na época, da qual teriam participado um atirador inexperiente, agentes do serviço secreto muito irresponsáveis, e sobre a qual houve um apagão de informações após a obtenção das necessárias fotos de primeira página.

As preocupações com o futuro imediato dos Estados Unidos cresceram ainda mais ao ouvir a palestra de “resposta” dos democratas, na voz de um congressista de origem dominicana, a quem algum republicano extremista chamou de “ilegal”, que não conseguiu apresentar uma proposta coerente, compreensível e

alternativa ao que disse o presidente.

Uma conclusão é clara: do lado Republicano há um líder com um grupo de seguidores incondicionais (quase fanáticos), do lado Democrata há vários grupos que não encontram coerência para se apresentarem como uma força única, no meio a grande massa da população americana que não identifica o veículo adequado para avançar os seus interesses e objectivos. Ficamis à espera do ano 2026.

<https://www.radiohc.cu/index.php/pt/especiales/comentarios/378606-trump-a-palestra-do-estado-da-desuniao-e-outros-delirios-4ta-parte>



Radio Habana Cuba